

RACISMO, GÊNERO E MITO ATUALIZADO NO ARCO-ÍRIS DE PONCIÁ VICÊNCIO

Racism, gender and myth updated in Ponciá Vicêncio's rainbow

Leandro Passos

 <https://orcid.org/0000-0002-4676-3666>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, Três Lagoas, MS, Brasil. 79641-162 – tres.lagoas@ifms.edu.br

Cláudia Maria Ceneviva Nigro

 <https://orcid.org/0000-0002-8297-0419>

Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Departamento de Letras Modernas, São José do Rio Preto, SP, Brasil. 15054-000 – sta@ibilce.unesp.br

Resumo: Neste artigo, propomos a leitura do romance *Ponciá Vicêncio* (2003) a partir da simbologia do que por ora denominamos mito atualizado do arco-íris. Na obra em questão, apontamos o modo como os mitos bantu, iorubá, nórdico, romeno, irlandês, greco-romano, judaico, bem como a simbologia do arco-íris das bandeiras whipala andina e do movimento LGBTQI+, podem ser vistos na trama poética da narrativa de Conceição Evaristo. Ribeiro (2018), Daibert (2015), Dionísio (2013) e Ford (1999) são alguns dos autores que fundamentam a perspectiva presente no texto analisado. Justificamos este estudo porque, sabedora do conhecimento ancestral africano e conhecedora das culturas do mundo que a circundam, Conceição Evaristo de Brito é porto seguro no debate do feminismo negro. Escritora responsável pela abertura de oportunidades para as mulheres negras na literatura, Conceição fez o seu percurso na raça. Considerada internacionalmente e nacionalmente como detentora de uma escrita cuidada e potente, e também como *Yabá* querida e respeitada na comunidade negra, Evaristo é leitura recomendada e obrigatória a todas e todos.

Palavras-chave: Ancestralidade. Bricolagem cultural. Gênero. Ponciá Vicêncio. Racismo.

Abstract: In this article, we propose to read the novel Poncia Vicencio (2003) from the symbology of what we now call the rainbow myth updated. In the work in question, we point out how the bantu, yoruba, nordic, romanian, irish, greco-roman, jewish myths, as well as the rainbow symbology of the whipala andean flags and the LGBTQI + movement, can be seen in the poetic plot of Conceição Evaristo's narrative. Ribeiro (2018), Daibert (2015), Dionísio (2013) and Ford (1999) are some of the authors who support the perspective present in the analyzed text. We justify this study because, aware of African ancestral knowledge and knowledgeable about the cultures of the world that surround it, Conceição Evaristo de Brito is a safe haven in the debate of black feminism. A writer responsible for opening opportunities for black women in literature, Conceição has made her way through the race. Considered



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

internationally and nationally as the holder of a careful and potent writing, and also as a dear and respected Yabá in the black community, Evaristo is recommended reading and obligatory for everyone.

Keywords: Ancestry. Cultural bricolage. Genre. Poncia Vicencio. Racism.

Como um arco-íris multicolorido feito de pequenas gotículas de água e luz solar, a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, no romance *Ponciá Vicêncio* (2003, primeira publicação), celebra o corpo feminino negro desabitado por estruturas mantenedoras da sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, habitado por memórias e histórias acessíveis a todos, em um ecossistema cuja atmosfera faz-se universal. Trata-se de uma bricolagem cultural, na qual a simbologia de determinados povos, dentre os quais os de matriz africana bantu, descreve a condição de negras e negros no Brasil.

Ao contar a saga da família de Ponciá, protagonista do romance, Evaristo nos toma pela mão e nos conduz às selvas, às matas, às florestas ancestrais (espaço de possibilidades), além de fazendas, cidades e guetos (espaço de faltas). Duarte (2019), ao analisar o romance, diz que “[...] é um livro que grita as mazelas, os sofrimentos, as angústias, os vazios do povo negro, realidade que se perpetua através dos anos e que permanece nos dias atuais.” (2019, p. 198-199). Ciente desta conjuntura experimentada pelo povo negro no Brasil, a autora retoma culturas diversas na obra e provoca no leitor uma reflexão crítica.

A partir de repositórios de culturas, especialmente a cultura do povo banto, a escritora revisita o passado ancestral e os insere nestes espaços narrativos. Daibert (2015), baseado nos estudos de Altuna (1985), elucida ser o mito, o rito e a religião dos bantu, por exemplo, sustentados numa estrutura piramidal, a partir da crença no mundo invisível e visível. Como os bantu, a protagonista do romance vê entidades que, para ela, figuram como natural. A proximidade com a natureza (ambiental e do ser humano) traz o animismo como parte dessa cultura, em que forças autóctones e alterações de fenômenos modificam a ordem espontânea das coisas, além de facilitarem a crença em entidades capazes de intervir na rotina das personagens. Essa intervenção serve como estratégia concebida por um *modus operandi* revelador do modo de pensar, ser e de existir do povo cujas origens advêm da diáspora africana:

O certo é que o contato com o invisível e a profunda relação de interação com as manifestações da natureza veio na diáspora africana e passou pela tradição oral do mais velho ao mais novo. E, no que determina essa relação entre os homens e os mitos, o que é estranho para determinadas culturas, significa a verdade presente no cotidiano de vários outros povos. A combinação entre o invisível, o fantástico e a literatura é simbiótica, um se funde ao outro e, no que concerne à África tradicional, a literatura dá, algumas vezes, muito mais condições de explicar contextos históricos e culturais do que a própria disciplina história, até mesmo pelo fato de ser a cultura africana em grande parte oral e o estudo da história se debruça, em sua maioria, sobre documentos e fatos datados; já a literatura, mesmo que seu processo de produção seja, na maioria das vezes, a escrita, sua fonte de inspiração e produção, não necessariamente, o é. (AGUIAR; SIQUEIRA; NASCIMENTO, 2016, p. 109).

Como apontado pelos autores, na cultura de alguns povos africanos, e mesmo dos

indígenas, determinadas situações não serão consideradas estranhas, tampouco fantásticas e maravilhosas:

Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e, quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava entre elas. O tempo corria também. Ela nem via. O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até o chão. Ponciá Vicêncio ria. Tudo era tão bom. Um dia, nessa brincadeira, ela viu uma mulher alta, muito alta que chegava até o céu. Primeiro ela viu os pés da mulher, depois as pernas, que eram longas e finas, depois o corpo que era transparente e vazio. Sorriu para a mulher que lhe correspondeu o sorriso. (EVARISTO, 2017, p. 13-14).

Há um ir ao passado mítico e um vir à contemporaneidade na escrita evaristiana: as espigas de milho adquirem outra condição de cereal e de alimento, por assumirem o papel de bonecas na relação com a protagonista, lembrando a brincadeira da menina. Além disso, Ponciá criança vê um ser feminino hiperbolicamente alto e de corpo diferente lhe respondendo ao sorriso. Ciente da ancestralidade, do passado mítico, Evaristo constrói a narrativa, mas sem deixar de destacar estarmos, hoje, em outros tempos, pois, quando a personagem relata para a mãe sobre o ser que vê, Ponciá nota como ela se assusta um pouco e pede ao marido para cortar o milharal, mesmo sabendo não ser época de colheita:

E, quando Ponciá Vicêncio acordou no outro dia, o milharal estava derrubado. As bonecas mortas pelo chão. Ela ainda olhou para os lados com esperança de ver a mulher alta e transparente. Não viu. Tudo era um só vazio. Ponciá chorou. Nunca mais ela viu a mulher alta, transparente e vazia, que um dia sorrira para ela entre as espigas de milho. (EVARISTO, 2017, p. 13-14).

Percebemos no trecho, simultaneamente, a recusa (mãe) e a aceitação (Ponciá) da ancestralidade africana no romance. A protagonista é consciente desse fato; após estar um certo tempo na cidade e já adulta, e ao acordar com a costumeira angústia no peito, sem querer, olha o céu como se pedisse ajuda a Deus: “Um arco-íris bonito, inteiro, bipartia a morada das águas suspensas.” (EVARISTO, 2017, p. 14). Ponciá mostra-se conhecedora da hierarquia bantu nos quais estão presentes os *jinkisi*, “espíritos tutelares ou gênios da natureza, que habitavam os lagos, os rios, pedras, ventos, florestas ou objetos materiais.” (DAIBERT, 2015, p. 11), e exercem grande influência sobre os homens, principalmente, sobre as atividades da caça, pesca e agricultura. Assim como os orixás dos iorubás do culto ketu, as divindades bantu atuam sobre os fenômenos da natureza, por estarem ligados ao ar, à terra, às águas e à vegetação, completa Giroto (1999).

Contudo, na escrivência evaristiana há uma filosofia de *ubuntu* com o mundo, uma proposta a ser acolhida pelo feminismo negro, realizada por meio de ancestralidades: africana, indígena e europeia, constituintes da sociedade brasileira. Para expressar o corpo negro, a autora serve-se de signos, dos quais os sentidos culturais revelam, além do significado primeiro atribuído, uma condensação do saber comunitário partilhado. Um desses signos é o arco-íris.

A heroína construída no arco-íris

Evaristo exhibe e dissemina sentidos plurais ao signo. O arco de sete cores torna-se ponte para outros mundos (Bifrost – mitologia nórdica), o tesouro (pote de ouro – lenda irlandesa), a cobra grande (boiuna) de olhos brilhantes camuflando-se nas matas e refletindo a luz da lua (folclore indígena brasileiro), a passagem luminosa para as mensagens de Juno (Grécia e Roma) destacando os voos de Íris. O arco-íris também celebra a diversidade na política (Bandeira da Bolívia Wipala) e no gênero (Símbolo LGBTQI+). Vamos aos mitos.

A mando do poderoso deus Odin, Bifrost, a ponte do arco-íris, é construída e serve de ligação entre o domínio dos deuses, Asgard, e a Terra dos mortais, Midgard. Guardada pelo deus Heimdall, portador de uma enorme trombeta ouvida nos nove mundos todas as vezes que os deuses atravessavam a ponte. Apesar de Ponciá pedir socorro ao Deus hebraico, um belo arco-íris surge, estabelecendo a união entre o domínio divino (deuses) e terreno (homens). O pedido da personagem age como a trombeta de Heimdall, pois é atendido, já que a ponte arco-íris surge para fortalecê-la, a fim de superar as dificuldades. O arco-íris como comunicação entre os de lá e os de cá também é visto na mitologia greco-romana personificada em Íris, mensageira dos deuses do Olimpo para os homens na terra.

Evaristo lança mão também da mitologia irlandesa, segundo a qual o pote de ouro pode ser apenas obtido com o auxílio de um *leprechaun*, difícil de ser capturado devido ao minúsculo tamanho e da camuflagem feita com o uso de roupas verdes embrenhando-se nos campos, nas florestas e nos bosques por eles habitados. Estes seres também são astutos e quase sempre conseguem escapar. Somente com o auxílio do *leprechaun* é possível passar pelo arco-íris e chegar ao fim, onde se encontra o pote cheio de moedas de ouro maciço, simbolizando os sonhos, os desejos dos homens. Capturar o guardião do pote, portanto, é estar atento e firme para conquistar estes objetivos.

No desfecho do romance, “Lá fora, no céu cor de íris, um enorme Angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas do rio.” (EVARISTO, 2017, p. 111), a personagem conquista, simbolicamente, o pote de ouro, o item mais valioso da existência: o elo e a herança da memória ancestral.

Antes disso, porém, a protagonista passa grande parte da infância dentro de casa, realizando tarefas domésticas. Ao se mudar para a cidade na busca de oportunidades, trabalha como empregada doméstica; casa-se, mas ainda permanece dentro de casa e, por vezes, incompreendida, fica sujeita à violência doméstica, apanhando do marido. Na cidade, sente-se sozinha, sem familiares, filhos e emprego. Fora da natureza, Ponciá não tem a memória que lhe acolhe. No entanto, mesmo na falta, coloca-se em movimento, na tentativa de denunciar o abuso ao gênero, à “raça” e à classe, ou seja, anunciar uma sociedade dizendo-se estável, sem acolhimento algum à diversidade.

Tendo em vista este percurso, podemos dizer que Ponciá torna-se heroína na concepção de herói africano sustentada por Ford (1999), segundo o qual a busca é orquestrada em três movimentos. No primeiro, o herói/heroína é convocado a deixar o chão familiar e aventurar-se

em terras desconhecidas. No caso do romance, esta convocação realiza-se a partir da insatisfação de Ponciá sobre a condição do povo negro do povoado:

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. (EVARISTO, 2017, p. 30).

Ponciá encontra-se consumida e insatisfeita com o enfrentamento e esforço insanos em relação ao trabalho e à sobrevivência a que estão submetidos negros e negras e deixa o chão familiar (espaço de dominação e sujeição).

No segundo movimento, o herói/heroína obtém experiência por meio das aventuras e, até mesmo, com o auxílio de forças mágicas, explica Ford (1999). Por meio do enfrentamento deste corpo negro no novo espaço de experiências, faz-se o esculpir do crescimento e do amadurecimento em Ponciá Vicêncio. A construção de uma identidade feminina e negra culturalmente modelada reconstitui-se: “Pouco a pouco, mais e mais, Ponciá se adentrava num mundo só dela, em que o outro, cá de fora, por mais que gostasse dela, encontrava uma intransponível porta.” (EVARISTO, 2017, p. 93). A personagem reformula-se, culturalmente, durante a narrativa; ao mesmo tempo em que ocorre (i) a passagem pelo arco-íris (elemento mágico ancestral), trazendo-lhe medo, e (ii) o ritual de segurar a saia entre as pernas para não virar menino. As passagens pelos arco-íris vão dando a essa heroína desenhos de mulher negra.

No terceiro movimento apontado por Ford (1999), o herói/heroína volta para a terra de origem. Trata-se de um retorno simbólico às origens dos povos negros que constituíram o Brasil, embora também estejam presentes os dos indígenas e dos brancos europeus:

Lá fora, no céu cor de íris, um enorme ângoro multicolorido se diluía lentamente, enquanto, Ponciá, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas do rio. (EVARISTO, 2017, p. 111).

Voltamos à citação já utilizada de Evaristo. O retorno sinaliza a afirmação de identidade marcada pela ancestralidade africana, a qual é reivindicada e valorizada por meio da escrevivência evaristiana. Ponciá representa sujeitos afro-brasileiros, cujos direitos ao passado lhes foram negados, cuja religião foi e ainda é demonizada. Neste sentido, ao retornar ao leito do rio, ao manipular água, lama e argila, Ponciá modela negros e negras brasileiras por meio da literatura.

A personagem de Evaristo assemelha-se ao orixá iorubá Nanã Buruque, se levarmos em consideração os *itans* (orações sagradas do culto) desta divindade, respeitada e temida até pelos orixás masculinos. Esta divindade tem os poderes relacionados às águas paradas (Ponciá vista como poça d'água), à lama, ao barro e à argila. Senhora das chuvas, mãe do orixá Oxumare (cobra/arco-íris) e da terra, mãe de Omolu (senhor da terra, da cura e das doenças), Nanã é a

origem e o poder: dela sai o barro primordial oferecendo a vida e a força física aos homens perfeitos e imperfeitos, que nem mesmo o rei dos orixás, Oxalufã, conseguiu criar.

Ora, a argila dos rios, considerada “gorda”, é composta por vários compostos orgânicos e inorgânicos, assim como a cultura do povo brasileiro e os diversos símbolos dos arco-íris. Também conhecida como argila plástica, podem ser aquecidas, resultando em cores que variam do branco ao vermelho escuro, a depender do teor de ferro presente. Há, neste material mítico – argila/barro – a multiplicidade de cores e símbolos como os até então notados.

Outra relação possível, neste arco-íris atualizado evaristiano, é a relação com o folclore indígena brasileiro da Cobra Grande/Cobra Norato. Conforme a narrativa amazônica da região do Pará, havia uma imensa cobra, também chamada Boiúna, crescendo de forma desmesurada e ameaçadora, abandonando a floresta (espaço terrestre), habitando a parte profunda dos rios (espaço aquático). Ao rastejar pela terra firme, os sulcos deixados dão origem aos igarapés. Na narrativa, uma índia engravida da grande cobra e tem gêmeos: uma menina, chamada Maria, e um menino, Honorato. A mãe, sem poder matar os filhos, é aconselhada pelo pajé a jogá-los no rio, onde vivem livremente como serpentes. Ao serem descobertos, o povo nomeia-os de Cobra Norato (forte e bom) e Maria Caninana (ágil e maldosa). Norato deixa de ser cobra quando a lua é cheia, sai das águas do rio e se transforma num lindo homem convivendo com as pessoas ribeirinhas. Ao nascer do Sol, volta a ser cobra, retornando à vida no fundo dos rios. O rapaz tem o desejo de permanecer na forma de homem e, para tirar o encanto, faz uso de um pouco de leite de mulher e de um pedaço de ferro sem uso, colocados na grande cobra. Feito o encantamento, de dentro da cobra sai o belo moço Norato. É efetivada a magia. Norato então produz uma fogueira e queima o couro da cobra.

Híbrida e ambígua como Cobra Norato/Rapaz, Ponciá possui fortes relações com as águas do rio e com a terra. Contudo, retorna à terra de origem e reencontra com as águas do rio, ao passo que Norato, gerado nas águas, deseja permanecer em terra. Pinto (2008) diz que a água constitui o elemento feminino símbolo das forças humanas mais escondidas e simples; a água do rio torna-se mítica, associando-se ao sensualismo por exercer o papel de fundamento da vida, do mundo, de um povo. São, pois, as águas dos rios as geradoras das cobras gêmeas e o local onde Ponciá entra em conjunção com a ancestralidade. Os rios manifestam-se como agentes de fertilização, na medida em que possuem o poder de inundar, submergir, irrigar ou fazer perecer a vida - no caso de esgotamento de suas nascentes ou algum incidente natural. Representam a existência humana e o curso da vida com a sucessão de desejos, sentimentos, intenções e a variedade de seus desvios, completa Pinto (2008). Nas águas do rio, Ponciá reencontra-se e cria a partir da argila colhida às margens.

A personagem, como esclarece Dionísio (2013), ao final do romance, retorna ao rio, ao barro, à matéria-prima para o sustento da família, mas que, agora, torna-se símbolo de retorno à ancestralidade. Conforme o autor, ao analisar as referências bantu no romance de Evaristo, a argila é o produto resultante do trabalho que a natureza fez, resultante do esmagamento e da quebra de rochas que se dissolvem na água, dando-lhe, assim, a peculiar maleabilidade; há “[...] uma relação direta com a energia vital de Ponciá e sua família com as energias advindas do

barro.” (DIONÍSIO, 2013, p. 75).

Vejam os seguintes fragmentos da obra:

O que havia com aquela menina? Primeiro andou de repente e com todo o jeito do avô... Agora havia feito aquele **homenzinho de barro**, tão igual ao velho. [...] o que fazer com a criação da filha? O que fazer com o Vô Vicêncio da filha? Sim, era ele. Igualzinho! Como a menina se lembrava dele? Ela era tão pequena, tão de colo ainda quando o homem fez a passagem. Como, então, Ponciá Vicêncio havia guardado todo o jeito dele **na memória**? (EVARISTO, 2017, p. 20, grifos nossos).

A figura do avô concretiza a herança dos seus “[...] diasporizados em sua essência e origem, mostrando que o afrodescendente não deve renunciar ao seu legado, as suas práticas religiosas, nem a sua história.” (DIONÍSIO, 2013, p. 81). Ponciá sente falta do barro das águas dos rios, do povoado em que nasceu; por isso, sai das terras, amadurece e retorna (heroína africana), tendo como “molde” uma figura masculina, o avô.

Apontando diversidades, faz-se interessante notar a bandeira da Bolívia (Wiphala), feita para celebrar a união dos andinos numa organização harmônica, com/como as cores do arco-íris. Representando o poder comunitário e harmônico dos indígenas, próximo ao *ubuntu* banto, a Wiphala constrói-se como bandeira de inclusão da diversidade. O mesmo processo acontece em relação ao gênero. A bandeira LGBTQI+, um arco-íris, desconstrói o triângulo rosa, símbolo dos homossexuais nos campos de concentração nazistas, e revitaliza a diligência para com essa parcela da população perseguida desde sempre. O reavivar da demanda transcorre na década de 70 e 80, na era da AIDS, como símbolo da paz (hippies).

Evaristo opera com as cores e com a concepção das bandeiras Wiphala e LGBTQI+ promovendo a diversidade em Ponciá. Por meio da história da protagonista, incrimina e expõe injustiças cometidas contra a população negra, além de não predicar, avaliar e julgar a sexualidade da mulher negra. Mesmo não estando ligado diretamente à lenda da Romênia, há na narrativa de Conceição a concepção romena dos arco-íris: “[...] os arco-íris estão associados a mudanças de sexo; quem passar por baixo de um será transformado, mulher em homem, homem em mulher”. (SCHNEIDER; ROOT, 2011, p. 6).

No romance de Evaristo, este conceito do arco-íris romeno é notado em:

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. [...] Como passar para o outro lado? Às vezes ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimosos! [...] Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do Angorô. Depois se apalpava toda. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma saliência, a não ser os pelos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina. (EVARISTO, 2017, p. 13).

O medo de Ponciá denuncia o binarismo de gênero, ao mesmo tempo em que expõe o desejo plural de Ponciá, escondido no medo e nas saias. Ao descrever a cena, a narradora mistura a lenda romena ao mito do culto do candomblé. O *nkisi* Nkongolo, palavra oriunda de

kikongo, língua dos povos bakongo (plural do Kongo), forma aportuguesa Angorô, é cultuado no candomblé Congo-Angola de matriz africana bantu e está associado ao arco-íris e à cobra.

Atrelado ao final das chuvas e à energia iluminada do Sol, Angorô é um símbolo de futuras farturas, um sinal de bons presságios, de novos tempos de colheitas dos frutos da terra, elemento sagrado pelos africanos. Ponciá, ao passar debaixo do Angorô, colhe os frutos positivos da superação e da busca pelo autoconhecimento e equilibra sua sexualidade, pois, de acordo com os conceitos bantu, essa divindade também está associada ao equilíbrio do planeta, fazendo a ligação energética entre céu e terra, simbolicamente em Ponciá, entre masculinidades e feminilidades. Há ainda no trecho descrito uma ligação do arco-íris com a colorida Cobra Grande já sinalizada.

Voltando a observar Angorô, filho de uma geração sucessiva de irmãos gêmeos do construtor de casas Kubaka-Ubaka e da ceramista Bumba-Kibumda, numa das versões orais do mito, há uma associação da divindade à Ponciá, pois a protagonista possui forte relação com casa, aproximando-se de Kubaka, e com o barro e a fabricação de peças como Bumba. Martins (1958) explica ser a argila o elemento primordial, extraída do leito de um rio ou do fundo de uma lagoa ou pântano, onde residem os antepassados:

Fora criada sozinha, só com a mãe. Tinha mais um irmão que pouco brincava com ela, pois acompanhava o pai no trabalho na roça, nas terras dos brancos. Ela e a mãe ficavam dias e dias sem ver os dois. Nos tempos das chuvas as visitas deles rareavam mais ainda. A mãe fazia panelas, potes e bichinhos de barro. A menina buscava a argila nas margens do rio. (EVARISTO, 2017, p. 20).

Embora seja um *nkisi* masculino, Angorô apresenta um sentido andrógono, porque, num de seus caminhos de atuação, no universo e na natureza, comporta-se numa dualidade, que consiste nos princípios macho, *ndála* (masculino) e fêmea *indalá* (feminino), e no de auto-procriação, por agir no domínio da sexualidade e da perpetuação das espécies; atua também sobre o emocional dos seres humanos e domina predominantemente as partes sexuais masculinas:

Ao ver a mulher [Ponciá] tão alheia teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. (EVARISTO, 2017, p. 19).

Nesse trecho do romance, Evaristo imbrica as culturas, bantu e romena, ao mostrar o desejo de mudança de sexo de Ponciá. O arco-íris revela uma resolução para os seus conflitos físicos e emocionais. Contudo, a mudança só ocorre parcialmente: a falta, a ausência da protagonista é de muitas naturezas.

No que se refere ao Angorô, Nengua Dia *Nkisi* Edangoroméia – Mãe Dango – (MOTTA, 2013) da Inzo Musambu Menha – Casa do arco-íris –, explica tratar-se de um *nkisi* que pode adquirir a forma *tat'etu* (macho) e *mam'etu* (fêmea), embora assuma a forma masculina na maioria das vezes. Ponciá deseja evidenciar a forma de homem ao ser agredida pelo marido na

ilusão de que seus problemas sejam resolvidos, ao mesmo tempo em que tem alívio por permanecer na forma feminina ao passar debaixo do arco-íris. Vale destacar que não há registro nos *ingorossi*, na tradição oral desta cultura, da mudança de sexo caso alguém passe debaixo do arco-íris, como temia Ponciá no romance.

Maringolo (2014), em estudo sobre os romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*, aponta que as obras “[...] narrativas mnemônicas e polifônicas, por meio de seus personagens, ocasionam uma quebra de paradigma nas produções literárias brasileiras desde o século XVIII, cuja representação do negro é sempre marcada por estereótipos e noções inferiorizantes.” (2014, p. 112). A autora observa ainda que, “[...] Evaristo questiona um projeto literário que, quando não omitia a presença negra na sociedade brasileira, apoiava-se em representações alienadoras sobre os afrodescendentes.” (MARINGOLO, 2014, p. 112).

A obra *Ponciá Vicêncio* procura aliar a uma ideia de identidade negra significados positivos e afirmadores, contrapondo uma gama de produções literárias que ainda falam sobre o afrodescendente como primitivo ou selvagem, pontua Maringolo (2014), o que requer um olhar, decolonizado e atento, para o leitor que, muitas vezes, desconhece a cultura africana e afro-brasileira dada a formação hegemônica eurocêntrica da formação leitora brasileira.

Considerações finais

Conceição Evaristo, no romance *Ponciá Vicêncio*, denuncia o racismo e o sexismo à brasileira por meio da família da Ponciá, ao partir da natureza para o embate com a sociedade racista e sexista do Brasil. Neste percurso de heroína simbólica (FORD, 1999), a protagonista é água parada pela barragem racial do sistema de escravidão no Brasil e pela posição de mulher de classe social mais baixa. Por isso é, mas deixa de ser, a Ponciá dos Vicêncio. Além disso, o corpo da personagem desenha outros corpos: os corpos negros, aqueles masculinos e femininos responsáveis pela formação da nossa sociedade.

No romance, realiza-se o esculpir no corpo da personagem Ponciá: a construção de uma identidade feminina e negra culturalmente modelada. Ao mesmo tempo em que a passagem pelo arco-íris traz medo, ritual, possibilidades, ela amolda culturalmente, socialmente e emocionalmente a menina que, durante toda a narrativa e pelas passagens pelo arco-íris, constrói-se mulher negra, incorporando, reproduzindo e denunciando a exclusão de grupos da sociedade e a agregação dos negros a uma sociedade multifacetada de comunidades compostas por iguais ao mesmo tempo tão diferentes.

Ribeiro (2018) ao refletir sobre a condição das mulheres negras diz que:

Ao pensar o debate de raça, classe e gênero de modo indissociável, as feministas negras estão afirmando que não é possível lutar contra uma opressão e alimentar outra, porque a mesma estrutura seria reforçada. Quando discutimos identidades, estamos dizendo que o poder deslegitima umas em detrimento de outras. O debate, portanto, não é meramente identitário, mas envolve pensar como algumas identidades são aviltadas e ressignificar o conceito de humanidade, posto que pessoas negras, em geral, e mulheres negras, especificamente, não são tratadas como humanas. (RIBEIRO, 2018,

p. 27).

Ora, se a personagem Ponciá, pela própria existência, incomoda o racismo e o sexismo, imagine a escritora Conceição Evaristo. Em entrevista à Radio France Internationale (RFI) em Paris, Evaristo discute o preconceito racial e a condição da mulher negra na sociedade: “Pela nossa longa experiência, a democracia racial no Brasil é um mito. Os negros sabem muito bem o cotidiano da falácia desse discurso.”, afirma (EVARISTO, 2019, [s.p.]). “Esses assuntos são tratados no Brasil por alguns segmentos sociais de maneira agressiva. Nós recebemos uma resposta por sermos negros conscientes. Nós temos dito que, cada vez mais, o racismo brasileiro sai do armário.” Evaristo (2019, [s.p.]) diz ainda que “Hoje há uma certa permissividade na sociedade para agredir o diferente ou as chamadas minorias. Os negros, mulheres, homossexuais têm sofrido ataques explícitos.” (EVARISTO, 2019, [s.p.]).

Sobre o racismo brasileiro estar “saindo dos armários”, a escritora comenta “Nós temos um racismo estrutural nas instituições brasileiras”; e dá exemplos: “As mulheres negras são as que mais morrem de parto no Brasil, tem também os assassinatos de jovens negros, a maneira como a polícia trata as pessoas negras, isso tudo é explícito.”, ressalva. “Mas passa, também, pelo racismo velado, ou seja, a maneira como você é olhada, ou se eu chego em um lugar para assinar um documento e me perguntam se eu sei escrever.”, relata a autora:

Para Ribeiro:

Algumas pessoas pensam que ser racista é somente matar, destratar com gravidade uma pessoa negra. Racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele. Portanto, fingir-se de bom moço e não ouvir o que as mulheres negras estão dizendo para corroborar com o lugar que o racismo e o machismo criaram para a mulher negra é ser racista. (RIBEIRO, 2018, p. 39).

O universo simbólico deste grupo em *Ponciá Vicêncio* é reorganizado no processo de escrita da autora que retoma o conteúdo ancestral, reconfigurando-o na contemporaneidade para descrever a condição de vida das personagens negras. Evaristo retoma mitos e lendas do arco-íris, ora mantendo a simbologia, ora reconfigurando-a no romance contemporâneo, resultando num imbricamento de culturas numa poética da ancestralidade.

Na condição da mulher negra, ciente das representações estereotipadas sobre o grupo ao qual pertence e apta a rasurar os conjuntos diversificados de discursos pré-estabelecidos pelas narrativas hegemônicas, dentre os quais o religioso, a autora revela, em sua escrita, a possibilidade de ser retomada pelo viés poético a ancestralidade bantu atualizada.

Referências

AGUIAR, Itamar Pereira; SIQUEIRA, Nathalia Rocha; NASCIMENTO, Washington Santos. Vozes da Sanzala: Simbologias Kimbundu e trânsitos religiosos em Angola e no Brasil. *Revista Transversos*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p. 103-124, mar. 2016.

ALTUNA, Raul Ruiz de Asús. *A cultura tradicional banto*. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985.

DAIBERT, Robert. A religião dos bantos: novas leituras sobre o calundu no Brasil colonial. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 7-25, jan./jun., 2015.

DIONÍSIO, Dejour. *Ancestralidade Bantu na Literatura afro-brasileira: reflexões sobre o romance Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

DUARTE, Roberta de Araújo Lantyer. O entre-lugar de Ponciá Vicêncio: O vazio como resistência. *Revista Philia: Filosofia, Literatura & Arte*. v. 1. n.1, p. 182-201, fev., 2019.

EVARISTO, Conceição. Entrevista à Radio France Internationale. *Geladés*, São Paulo, 20 mar. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cada-vez-mais-o-racismo-brasileiro-sai-do-armario-diz-conceicao-evaristo/>. Acesso em: 29/03/2019.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FORD, Clyde. *O herói com rosto africano: mitos da África*. São Paulo: Selo Negro Edições, 1999.

GIROTO, Ismael. *O universo mágico-religioso negro-africano e afro-brasileiro: bantu e nagô*. 1999. 410 f.. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. *Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de retalhos de memórias*. 2014. 132 f.. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2014.

MARTINS, Manuel Alfredo de Morias. *Contacto de culturas no Congo português*. Achegas para o seu estudo. Cidade: Impresso no Ministério do Ultramar / Junta de investigações do Ultramar, 1958.

MOTTA, Cristiane Madeira. *Kubana Njila Diá: travessias do ator-sacrário por entre as divindades angolanas*. 2013. 281 f.. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Teatro) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PINTO, Marilina Oliveira Bessa Serra. A Amazônia e o imaginário das águas. In: ENCONTRO DA REGIÃO NORTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 1, Manaus, 2008. *Anais...* Manaus: Programa de Pós-Graduação em Sociologia PPGS/UFAM, 2008 (Mesa-redonda).

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHNEIDER, Stephen H.; ROOT, Terry (Eds.) *Encyclopedia of Climate and Weather*. . Oxford: Oxford University Press, 2011. 1 v.

NOTAS DE AUTORIA

Leandro Passos (leandro.passos@ifms.edu.br) realiza estágio pós-doutoral em Letras pela UNESP-IBILCE/SJRP (2018-2020). É Professor do EBTT de Português do IFMS Três Lagoas. Faz parte dos Grupos de Pesquisas: Gênero e Raça (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0849554280348877); Vertentes

do Fantástico na Literatura (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3669493490315361); e Criminologia: Diálogos críticos (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0355771674664252).

Cláudia Maria Ceneviva Nigro (cmcn@ibilce.unesp.br) é Livre Docente em Crítica Literária - Professora Adjunta - efetiva da UNESP Rio Preto. Credenciada no Programa de Pós-Graduação em Letras desde 2004. Tem experiência na área de Literatura, Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: identidade, exclusão, gênero, religião, tradução e cultura.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

PASSOS, Leonardo; NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva. Racismo, gênero e mito atualizado no arco-íris de “Ponciá Vicêncio”. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 30-41, 2019.

Contribuição de autoria

Leandro Passos: concepções e design de estudo, preparação e redação do manuscrito, bem como a aprovação final da versão do artigo final. Concepção e planejamento do trabalho produzido

Cláudia Maria Ceneviva Nigro: As tarefas de concepções e design de estudo, preparação e redação do manuscrito, bem como a aprovação final da versão do artigo final. Análise e interpretação dos dados.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 30/03/2019

Aprovado em: 28/08/2019

